

AS DUAS FACES DE UMA MESMA REPÚBLICA: O OBELISCO A DOMINGOS JOSÉ DE ALMEIDA - PELOTAS E O MONUMENTO A JÚLIO DE CASTILHOS - PORTO ALEGRE

THE TWO FACES OF THE SAME REPUBLIC: THE OBELISK TO DOMINGOS JOSÉ DE ALMEIDA - PELOTAS AND THE MONUMENT TO JÚLIO DE CASTILHOS - PORTO ALEGRE

Elisabete da Costa Leal¹
Laura Giordani²

RESUMO

O presente texto é composto por uma breve análise do obelisco republicano erguido a Domingos José de Almeida na cidade de Pelotas, em 1885 e do monumento/obelisco erguido em homenagem a Júlio de Castilhos, na cidade de Porto Alegre, em 1913. Os dois indivíduos homenageados por esses monumentos foram políticos que defendiam o republicanismo no século XIX que atuaram em momentos diferentes - um na primeira metade do século e outro em sua segunda metade -, o que resultou em estruturas estéticas diferentes para os dois obeliscos. Neste artigo, demonstra-se como ambos os obeliscos, construídos em situações históricas diferentes, remontam às origens republicanas da Revolução Farroupilha.

Palavas-chave: Monumento. Obelisco. República. Porto Alegre. Pelotas.

ABSTRACT

The present text consists of a brief analysis of the republican obelisk erected to Domingos José de Almeida in the city of Pelotas in 1885 and the monument/obelisk erected in honor of Júlio de Castilhos, in the city of Porto Alegre, in 1913. The two individuals who were honored by these monuments were politicians who advocated republicanism in the nineteenth century and acted at different times - one in the first half of the century and another in its second half - resulting in different aesthetic structures for the two obelisks. In this article, it is shown how both obelisks, built in different historical situations, date back to the republican origins of the Farroupilha Revolution.

KeyWords: Monument. Obelisk. Republic. Porto Alegre. Pelotas.

1 Doutora em História em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professora do PPG História e Departamento de História da UFPel

2 Mestre em História pela Universidade Federal de Pelotas

INTRODUÇÃO

A estatuamania francesa durante o século XIX fez com o espaço urbano fosse repensado pelos governantes e cidadãos, dado que as cidades não eram mais vistas apenas como áreas onde as pessoas seguiam sua rotina e realizavam suas tarefas diárias, mas como espaços de convívio onde identidades e relacionamentos poderiam ser criados. Com isso em mente, o espaço urbano passou a ser a galeria onde monumentos em prol da lembrança de indivíduos que contribuíram para a construção da sociedade - vulgo os “heróis” nacionais - pudessem ser lembrados e admirados por meio de monumentos.

Os posicionamentos desses monumentos no espaço urbano, assim como sua estética e estrutura, possuem intenções para adicionar à sua mensagem, uma vez que esses elementos contribuem na adição do que eles buscam homenagear. Fatores como a época em que o monumento foi elaborado, a ideologia do planejador do projeto, do significado buscado e a estética do período influenciam no modo como a estrutura é composta. Dessa maneira, duas homenagens a uma mesma causa, evento ou a dois indivíduos que representam a mesma ideologia ou intenção podem ser estruturalmente diferentes.

No presente artigo, serão abordados dois monumentos construídos em homenagem a dois políticos defensores do republicanismo que atuaram no Rio Grande do Sul durante o século XIX: Júlio de Castilhos e Domingos José de Almeida. Apesar de ambos terem atuado em períodos relativamente próximos, suas circunstâncias foram bem diferentes, com Almeida atuando na primeira metade do século XIX, quando o sistema monárquico de governo estava forte; Castilhos, por outro lado, atuando durante a segunda metade desse século, quando a monarquia já demonstrava sinais de desgaste e possuía poucos apoiadores. Essas diferentes circunstâncias políticas afetaram o modo como os dois operaram em suas carreiras e como seus admiradores e como seus colegas decidiram homenagear suas conquistas.

Antes de explorar como os dois monumentos - o *Obelisco a Domingos José de Almeida* e o *Monumento a Júlio de Castilhos* - se diferenciam, vamos primeiro analisar as particularidades de cada um deles.

1 Domingos José de Almeida, o republicano

Domingos José de Almeida (1797–1871) foi um charqueador e político que atuou principalmente na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Durante sua carreira, foi membro das Assembleias Municipal e Provincial, além exercer a patente de Major na Guarda Nacional. Sendo um estudioso

autodidata em política, economia e direito, era crítico ao Governo Central e à Monarquia, sendo simpatizante do sistema republicano de gestão.

Durante a Revolução Farroupilha (1835–1845), Almeida se aliou aos revoltosos, atuando principalmente nas questões políticas e organizacionais do conflito, principalmente após a República Rio-Grandense ter sido declarada em 1836, sendo ele um dos seus organizadores e redatores da Constituição (Neves, 1987, p. 16). Durante o breve período de existência da República, Almeida exerceu diversos cargos - tais como Ministro do Interior e da Fazenda, Ministro da Justiça, Vice-Presidente da República, General Quartel-Mestre e Ministro do Interior e da Fazenda -, e financiou o jornal *O Povo*, que teve a função de manter os habitantes informados a respeito do conflito e das decisões do governo entre os anos 1838 e 1840 (NEVES, 1987, p.18). Com a assinatura da Paz de Ponche Verde em 1845, Domingos de Almeida retornou a Pelotas, retomando seus negócios e carreira política. Domingos José de Almeida veio a falecer em 1871 em sua casa devido à consequências de ataques epiléticos.

As ambições republicanas dentro da Revolução Farroupilha podem não ter dado os frutos desejados por seus simpatizantes após o fim do conflito, porém, isso não significou que elas se extinguíram. Os partidos que surgiram na segunda metade do século XIX que possuíam simpatia ou defendiam o modelo republicano de governo viam na revolta um exemplo a ser seguido, acreditando que foi durante o conflito que nascera o ideal republicano no Rio Grande do Sul e adicionando essa ação ao seu discurso (PICOLLO, 1991, p. 67).

Os membros do Partido Republicano de Pelotas, fundado em 1881, se incluíam nessa onda de políticos que viam na Revolução Farroupilha como a chama-piloto do republicanismo gaúcho, tanto que decidiram erguer um monumento em comemoração dos 50 anos do início da Farroupilha em setembro de 1884 (OSÓRIO, 1997, p. 214). A ideia de um monumento em tributo ao ideal republicano havia sido levantada pelo jornal *A Discussão* em 1881, porém, a matéria propunha que ele fosse erguido em homenagem à Tiradentes, porém, visto que os integrantes do partido eram jovens da elite pelotense - incluindo um dos filhos de Domingos de Almeida, Piratinino de Almeida -, e quase todos possuíam algum curso superior e conhecimento em teorias políticas, foi decidido que o homenageado deveria ser alguém que tivesse um relacionamento mais próximo com a história da cidade. Com isso, a comissão montada para a elaboração do projeto - comandada por Álvaro José Gonçalves Chaves - decidiu que Domingos José de Almeida seria o homenageado no monumento, assim conectando três pontos: um tributo à Revolução Farroupilha; uma exaltação ao ideal republicano; e a

consagração de um cidadão local que se identificava com esses dois temas.

Em 7 de abril de 1885, foi inaugurado o *Obelisco Domingos José de Almeida* na cidade de Pelotas. A coluna foi construída em alvenaria, possuindo nove metros de altura e dois metros de base, possuindo em suas quatro faces um total de: duas placas de bronze, três símbolos em argamassa e seis datas em massa de cimento.

Há diversas particularidades a respeito do obelisco, começando pela sua data de inauguração: 7 de abril. O aniversário da abdicação de D. Pedro I ao trono brasileiro - evento ocorrido em 1831 -, foi escolhido pelos republicanos pelotenses demonstrando um certo desdém para com os monarquistas, visto que o propósito do monumento era justamente saudar o republicanismo que se opunha ao que a Família Real representava. Além disso, tal como sabemos, o Brasil passou a ser uma república a partir de 1889, o que significa que o *Obelisco Domingos José de Almeida* possivelmente é o primeiro monumento republicano a ser erguido no Brasil e o único a ser inaugurado durante o Governo Monárquico.

As escolhas de erguer um obelisco, e não um monumento, está ligado ao local de sua construção. Foi decidido erguê-lo em uma área afastada do centro da cidade e, conseqüentemente, de pouca visibilidade para o público, o que parecia ser um elemento danoso no erguimento de um monumento. Dentro da vertente napoleônica da estatuamania francesa, obeliscos são utilizados para servirem de marco, de indicadores de locais de importância, e são ausentes de imagens ou de figuras humanas em sua estrutura, pois, possui como prioridade a valorização dos atos e méritos do que está sendo homenageado (KNAUSS, 2003, p. 178). No caso do *Obelisco Domingos José de Almeida*, ele foi erguido no mesmo local onde funcionou a charqueada Domingos José de Almeida, marcando o local onde ele viveu, trabalhou e morreu em Pelotas, demonstrando que o lugar onde foi erguido era de importância. Além disso, é possível que erguer o obelisco no centro de Pelotas ou em outro local de maior visibilidade pública fosse inviável, dado que a cidade possuía uma tradição política mais voltada para a monarquia, então inaugurar um monumento que se opunha a esse modelo de governo em um local com mais notoriedade seria algo talvez pouco aceito pelos cidadãos e poder público.

Imagem 1 – Obelisco Domingos José de Almeida, Pelotas, Rio Grande do Sul

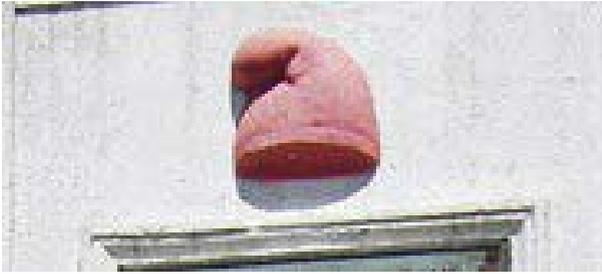


Fonte: GIORDANI, Laura. O Obelisco de Pelotas e sua Análise Iconográfica. Cadernos de Clio, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 103, 2015.

Na face frontal do obelisco foram colocados cinco elementos: um barrete vermelho em massa de cimento; uma placa de bronze; um símbolo com duas mãos se cumprimentando em massa de cimento pintado em vermelho e verde; o brasão de armas da República Rio-Grandense em massa de cimento pintado com as cores oficiais; e uma placa em bronze, que foi adicionada posteriormente.

O Barrete Frígio, ou o Barrete da Liberdade, é um símbolo usado para a representação de uma nova República desde a Revolução Francesa (HUNT, 2007: p. 83), a presença desse signo no obelisco - em seu topo - representa não apenas o ideal de Domingos de Almeida e dos Farrapos sobre o republicanismo, mas como uma espécie de aposta: era uma forma dos republicanos pelotenses demonstrarem que uma nova República estava para nascer e que a Monarquia estava chegando ao fim.

**Imagem 2 - Barrete vermelho, face frontal do
Obelisco Domingos José de Almeida**



Fonte: GIORDANI, Laura. O Obelisco de Pelotas e sua Análise Iconográfica. Cadernos de Clio, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 105, 2015.

A primeira placa de bronze, que está logo abaixo do barrete, possui a inscrição: “OS REPUBLICANOS DE PELOTAS RECOMMENDAM AOS VIANDANTES A MEMÓRIA DE DOMINGOS DE ALMEIDA; 20 DE SETEMBRO DE 1884”. Essa placa é ponto chave do monumento, pois, informa a quem a estrutura foi erguida em homenagem, quem o colocou lá e a data de sua elaboração. A presença data da reunião em que foi decidido a estrutura da coluna - 20 de setembro de 1885 - ao invés da data de inauguração dela - 7 de abril de 1885 - é uma forma de reforçar que o propósito do monumento estava em honrar a memória de Domingos José de Almeida como um republicano ao invés de ser uma comemoração à saída de D. Pedro I, apesar de, aparentemente, ter sido o motivo pelo qual a data de inauguração foi escolhida.

**Imagem 3 - Placa de bronze, face frontal do
Obelisco Domingos José de Almeida**



Fonte: GIORDANI, Laura. O Obelisco de Pelotas e Sua Análise Iconográfica. Cadernos de Clio, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 106, 2015.

O aperto de mãos está logo abaixo da placa, porém, nota-se que o cumprimento está sendo feito com a mão esquerda ao invés da mão direita. Quando um cumprimento de mãos é representado com a mão esquerda, ele simboliza a “Fraternidade”, relacionando o monumento com o lema da Revolução Francesa - “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” -, revolta no qual os Farrapos simpatizantes do republicanismo se inspiraram.

Imagem 4 – Aperto de mãos, face frontal do Obelisco Domingos José de Almeida



Fonte: GIORDANI, Laura. O Obelisco de Pelotas e Sua Análise Iconográfica. Cadernos de Clio, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 107, 2015.

O Brasão de Armas da República Rio-Grandense está presente porque o Obelisco não é apenas uma homenagem a Domingos José de Almeida, ele é também um tributo à Revolução Farroupilha e a República Rio-Grandense, o qual Almeida ajudou a organizar e executou papéis de importância em sua administração. Sua presença é indispensável em um monumento que representa a memória da República sulina.

Imagem 5 - Brasão de Armas Rio-Grandense, face frontal do Obelisco Domingos José de Almeida



Fonte: GIORDANI, Laura. O Obelisco de Pelotas e Sua Análise Iconográfica. Cadernos de Clio, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 108, 2015.

A peça final dessa face do obelisco é a placa em bronze da Sociedade Agrícola de Pelotas, que foi colocada no monumento em 1945. Infelizmente a placa não está mais presente na coluna, pois, ela foi roubada. Nela, estava escrito: “HOMENAGEM DA SOCIEDADE AGRÍCOLA DE PELOTAS E DA LIGA DE DEFEZA NACIONAL, NO CENTENÁRIO DA PACIFICAÇÃO FARROUPILHA; 3-3-184 3-3-1945”. A presença dessa placa é curiosa e fora de contexto, visto que ela não menciona o homenageado Domingos José de Almeida, nem a República Rio-Grandense, nem o Partido Republicano de Pelotas, fugindo do tema ao celebrar o centenário do fim da Revolução Farroupilha. Sua presença no monumento se deve, provavelmente, pela placa ser relacionada à Revolução Farroupilha e foi decidido que ela se encaixaria bem com o obelisco, dado que ele aborda esse tema.

Imagem 6 - Segunda placa de bronze, face frontal do Obelisco Domingos José de Almeida



Fonte: GIORDANI, Laura. O Obelisco de Pelotas e Sua Análise Iconográfica. Cadernos de Clío, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 109, 2015.

Na face da direita do Obelisco, há duas datas moldadas em massa de cimento: “6 de novembro de 1836” e “Rio Grande do Sul 1835”. A primeira data, “6 de novembro de 1836”, referência aos dias em que a República Rio-Grandense foi organizada - 5 e 6 de novembro de 1836 - e os responsáveis pelos cargos administrativos foram escolhidos, ocasião no qual Domingos José de Almeida participou e recebeu o cargo de Ministro do Interior e da Fazenda. A segunda data, “Rio Grande do Sul - 1835”, é claramente a indicação do ano do início da Revolução Farroupilha, evento que os republicanos pelotenses admiravam.

Imagem 7 – Data na face da direita do Obelisco Domingos José de Almeida, “6 de novembro – 1836”



Fonte: GIORDANI, Laura. O Obelisco de Pelotas e Sua Análise Iconográfica. Cadernos de Clio, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 110, 2015.

Imagem 8 – Data na Face da direita Obelisco Domingos José de Almeida, “Rio Grande do Sul – 1835”



Fonte: GIORDANI, Laura. O Obelisco de Pelotas e Sua Análise Iconográfica. Cadernos de Clio, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 111, 2015.

Na face da esquerda, há mais duas datas em massa de cimento: “15 de outubro de 1822” e “Minas Geraes - 1797”. A primeira data, “15 de outubro de 1822”, é o dia em que a notícia que o Brasil havia se tornado independente de Portugal chegou em Pelotas, fato que foi comemorado por Domingos de Almeida, que organizou uma festa para celebrar o nascimento de um Brasil livre do colonialismo lusitano. A segunda data, “Minas Geraes - 1797”, indica o ano e a província de nascimento de Domingos de Almeida, dado que o obelisco foi erguido em sua homenagem no lugar onde ele viveu, trabalhou e faleceu, foi interpretado que era necessário inserir algo a respeito de suas origens no monumento.

Imagem 9 – Data na face da esquerda do Obelisco Domingos José de Almeida, “15 de outubro – 1822”



Fonte: GIORDANI, Laura. O Obelisco de Pelotas e Sua Análise Iconográfica. Cadernos de Clio, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 112, 2015.

Imagem 10 – Data na face da esquerda do Obelisco Domingos José de Almeida, “Minas Geraes – 1797”



Fonte: GIORDANI, Laura. O Obelisco de Pelotas e Sua Análise Iconográfica. Cadernos de Clio, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 112, 2015.

Na face posterior da coluna há mais duas datas em massa de cimento: “Novembro de 1855” e “Março de 1856”. Essas duas datas referenciam um dos atos de filantropia praticados por Almeida, reforçando que o obelisco celebrava um político e cidadão exemplar: os primeiros casos de Cólera Morbus começaram a causar vítimas fatais em Pelotas em Novembro de 1855 e Domingos de Almeida financiou, com isso, um hospital para tratar os afligidos pela doença. O mesmo foi inaugurado em Março de 1856. Essa obra de caridade feita por Almeida foi considerada significativa e exemplar o suficiente pelos membros do Partido que decidiram registrar esse ato no obelisco, como uma forma de justificar o merecimento da homenagem.

Imagem 11 – Datas na face posterior do Obelisco Domingos José de Almeida, “Novembro de 1855” e “Março de 1856”



Fonte: GIORDANI, Laura. O Obelisco de Pelotas e Sua Análise Iconográfica. Cadernos de Clio, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 113, 2015.

A partir da análise dos elementos presentes no Obelisco, fica claro que não havia intenção de acrescentar uma reprodução visual de Domingos de Almeida no monumento, procurando dar maior destaque às ideias republicanas que ele representava, ao mesmo tempo, em que celebrava o seu trabalho e vida em Pelotas. Para o Partido Republicano de Pelotas, o que importava nessa homenagem era transmitir a mensagem de que a República era uma possibilidade para o futuro do Brasil, que ela já havia acontecido em sua história - a exemplo da República Rio-Grandense, proclamada e que persistiu durante a Revolução Farrroupilha - e que ela seria construída por homens como Domingos José de Almeida, que acreditavam que ela era possível. O que importava recordar e perpetuar no *Obelisco a Domingos José de Almeida* era a memória e as conquistas do homenageado, e não sua imagem.

2 Júlio de Castilhos, o Positivista

Júlio Prates de Castilhos (1860-1903) foi um político e jornalista gaúcho, sendo um dos fundadores do Partido Republicano Rio-Grandense, partido que marcou a transição do regime monárquico ao republicano no sul do Brasil. Seu trabalho foi de suma importância para a formação política do Rio Grande do Sul no final do século XIX e início do XX.

Teve sua formação e início da sua carreira como político e jornalista na Faculdade de Direito de São Paulo, onde começou a frequentar grupos de intelectuais que simpatizavam com o republicanismo. Nessa época da faculdade ele conheceu Assis Brasil e com ele, em 1879, fundou o jornal *A Evolução*. Castilhos também foi redator do jornal *A República*, o periódico do Clube Republicano Acadêmico. Ainda como estudante de Direito, Castilhos teve contato com a doutrina Positivista - filosofia criada por Auguste

Comte (1798–1857), que influenciou fortemente os republicanos brasileiros na segunda metade do século XIX -, se tornando um dos principais líderes dessa corrente no meio acadêmico e político. Em fevereiro de 1882, Júlio de Castilhos participou da fundação do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) - junto a indivíduos como Assis Brasil, Pinheiro Machado e Venâncio Aires -, e logo se tornou um dos principais líderes pela organização e orientação política republicana. Em 1884, foi fundado o jornal oficial do PRR, *A Federação*, o qual Castilhos assumiu a direção até 1889, e utilizava-o como modo de expressar suas ideias políticas, assim como criticar seus adversários.

Em sua carreira política, destaca-se o seu papel de redator da Constituição do Estado do Rio Grande do Sul em 1891, sendo eleito no mesmo ano como Presidente do Estado, no entanto, teve que abdicar o cargo em novembro do mesmo ano devido seu apoio a Deodoro da Fonseca, que havia praticado um golpe para garantir sua permanência no poder. Nesse ano, Castilhos retornou a escrever na *A Federação*, onde criticava e atacava seus adversários. Ele retornou ao cargo de Presidente do Rio Grande do Sul entre 1893 e 1898. No primeiro ano de governo teve início a Revolução Federalista (1893-1895) - revolta civil que abalou o Estado devido aos extremismos que dominavam a esfera política gaúcha na época -, os apoiadores de Gaspar Silveira Martins desejavam depor Júlio de Castilhos e estabelecer um sistema parlamentar de governo federal, porém, acabaram derrotados pelo exército brasileiro e pelos apoiadores de Castilhos.

A morte de Júlio de Castilhos, em 1903, foi repentina, porém, os membros do PRR não perderam tempo em começar a planejar um meio de homenageá-lo. Borges de Medeiros - sucessor e aliado político de Castilhos -, via na criação de um monumento a Castilhos um modo de assegurar que o PRR não se fragmentaria (LEAL, 2006, p.205), pois, lembrar sua imagem era um meio de afirmar a força política do Partido e sua unidade. A encomenda do monumento foi feita uma semana após a morte de Castilhos - Décio Villares foi o artista escolhido para realizar a obra -, e ele foi inaugurado dez anos depois, em janeiro de 1913, na Praça da Matriz em Porto Alegre.

Imagem 12 – Visão geral do Monumento a Júlio de Castilhos



Fonte: LEAL, E. C. Filósofos em Tintas e Bronze: arte, positivismo e política na obra de Décio Villares e Eduardo de Sá. 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p.253

O Monumento a Júlio de Castilhos foi estruturado de maneira a mostrar três fases da vida de Castilhos: A propaganda republicana, a organização do governo Positivista no Estado do Rio Grande do seu e a sua retirada do governo (DOBERSTEIN, 1992, p. 44), cada uma dessas fases está localizada em uma das faces do obelisco. A fase da propaganda republicana é representada com uma figura jovem entregando um panfleto, que corresponde ao jornal *A Federação*. A fase de organização de governo é a figura frontal no monumento, representada com a imagem de Castilhos como um homem maduro, sentado em uma posição de quem está pronto para agir e com um livro na mão esquerda, simbolizando que apesar dele ser um homem culto, está sempre pronto para agir; abaixo dessa representação está

uma placa com a inscrição “A JÚLIO DE CASTILHOS / 1868-1903 / A PÁTRIA AGRADECIDA” e logo abaixo a data em destaque de “1907”. A fase final, a leste do obelisco, é a que lembra Castilhos longe do governo, representada como um homem idoso e experiente, sentado em uma posição pensativa, possivelmente refletindo a respeito de todos os seus feitos e estendendo a mão ao observador - como se estivesse oferecendo para compartilhar seu conhecimento -; com uma placa que diz “LIBERTAS QUE SERA TAMEN” (Liberdade ainda que tardia), referindo-se a como levou muito tempo para o republicanismo substituir a monarquia, mas o que importava era que ele havia ocorrido (DOBERSTEIN, 1992, p. 47).

**Imagem 13 – Representações das fases de vida de Castilhos,
Monumento a Júlio de Castilhos: Juventude, à esquerda;
Maturidade, no centro; Velhice, à direita.**



Fonte: LEAL, E. C. Filósofos em Tintas e Bronze: arte, positivismo e política na obra de Décio Villares e Eduardo de Sá. 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p.257.

No topo do obelisco, encontra-se uma efígie da República, representada no topo de uma esfera, demonstrando que ela estava vitoriosa. Essa representação de triunfo é reforçada pela presença do ano da Revolução Francesa - 1789 - logo abaixo da estátua, em seguida há a data da Proclamação da República brasileira - 15 de novembro de 1889.

Na face frontal, ao redor da imagem de Castilhos maduro, estão posicionadas ao redor dele as representações de sua personalidade e qualidades - Coragem, Firmeza e Prudência. O artista explicou cada um desses elementos em uma publicação sobre seu trabalho: a Coragem, à sua esquerda superior, tomou forma de um jovem impaciente, que se lança ao ar e carre-

ga um ramo de louros, representando a vitória e incitando Castilhos a agir; à direita inferior de Castilhos está a figura da Firmeza, se apresentando como uma figura atlética usando uma armadura, ereta e inabalável, servindo como uma espécie de sentinela; por fim, a Prudência é representada por uma figura feminina na esquerda inferior de Castilhos, que está alertando sua Coragem sobre o perigo de um dragão que está à frente do monumento, representando a Monarquia e seus adversários. (VILLARES, GONÇALVES, 1922, p.26). Logo acima de Castilhos, ainda é possível ver uma imagem feminina usando um barrete e carregando uma bandeira, que representa o Civismo.

Imagem 14 – Personificação dos aspectos da Personalidade de Castilhos no Monumento à Júlio de Castilhos: Firmeza, à esquerda; Prudência, no centro; Coragem, à direita.



Fonte: LEAL, E. C. Filósofos em Tintas e Bronze: arte, positivismo e política na obra de Décio Villares e Eduardo de Sá. 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p.258.

Por fim, na face posterior do monumento, há a estátua de um homem com um chapéu em uma das mãos erguidas, montado em um cavalo, - que tem as patas frontais elevadas, demonstrando sua agitação -, celebrando o início da República, com o brasão de armas do Rio Grande do Sul logo abaixo. Essa imagem é uma alusão ao prestígio popular de Castilhos (Leal, 2006, p.259).

Imagem 15 – Imagem do Gaúcho na face posterior do Monumento a Júlio de Castilhos.



Fonte: LEAL, E. C. Filósofos em Tintas e Bronze: arte, positivismo e política na obra de Décio Villares e Eduardo de Sá. 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p.260.

A localização do *Monumento a Júlio de Castilhos* é estratégico, pois, além de estar localizado no centro de Porto Alegre e próximo aos principais prédios da cidade, era um local onde diversas manifestações políticas e cívicas ocorriam (MACEDO, 1993, p. 28). O próprio Castilhos havia participado de atos políticos naquela localidade durante seus anos de atividade. A localização do seu monumento na praça era um modo de marcar um espaço de manifestação e atividade política, além de ser uma maneira de recepcionar os participantes do ato com a figura de um personagem político que fez uso desse local para defender suas ideias e servir como inspiração a eles. O *Monumento a Júlio de Castilhos* demonstra que não são apenas os atos e ideias que Castilhos defendia que eram importantes, que a sua própria imagem tinha que ser perpetuada na história, que não seria possível separar as ações do homem.

3 Dois obeliscos e uma República

Como pode se perceber, tanto os monumentos erguidos em homenagem à Almeida e Castilhos tratam-se de obeliscos - os dois com a pretensão de perpetuar seus feitos e de marcar um local de importância -, no entanto, estruturalmente os dois são bem diferentes. Essas diferenças se devem pelos dois personagens terem pertencido à fases distintas do republicanismo gaúcho e suas homenagens receberam, como consequência, tratamentos diferentes.

Nos dois casos, os obeliscos são o que Alois Riegl caracterizou como “Monumento com Valor de Memória Intencional”- ou “Monumentos Intencionais” -, que se tratam de monumentos erguidos com um propósito ou planejados e elaborados como um modo de garantir que um evento, ou indivíduo não se torne um elemento do passado, mas uma memória que permaneça influenciando o presente (RIEGL, 2013, p. 42). Considerando isso, é possível concluir que monumentos são criados para que a memória do acontecimento ou indivíduo homenageado por eles se torne um bem público, pois o seu maior objetivo é que ele seja visto e admirado, por isso o uso do espaço urbano é perfeito para o monumento, devido ao grande trânsito de pessoas - moradoras e visitantes da cidade - que acabam se tornando expectadores não-intencionais dessas construções.

Visto que o entendimento por trás da construção de um Monumento Intencional está em permitir que o maior número de pessoas tenha acesso ao objeto, a escolha de colocar o *Obelisco a Domingos José de Almeida* em uma área afastada do centro da cidade de Pelotas - por mais que o local onde ele foi erguido possua certo valor - é incomum. Se o objetivo dos republicanos pelotenses em 1885 era honrar a memória e os atos de Almeida, eles poderiam ter procurado uma maneira de homenageá-lo com uma estátua e colocado em um local de maior visibilidade, afinal, ainda estariam celebrando um cidadão da cidade; porém, a finalidade do obelisco estava em não deixar que a existência da República Rio-Grandense se esvaecesse da memória dos pelotenses. A inclusão de Almeida no monumento era uma maneira de dar aos cidadãos de Pelotas um exemplo mais próximo de seu cotidiano.

Uma homenagem mais vivaz também não seria possível, provavelmente, por outros dois motivos: política e foco. Tal como foi comentado anteriormente, Pelotas possuía uma cultura e política mais simpática ao Império no século XIX, então, por mais que houvessem republicanos vivendo e trabalhando na cidade, o erguimento de um monumento chamativo que se posicionasse contra essa tradição seria algo malquisto - ou impossível - de ser concebido pela sociedade da região. A simplicidade do monumento

se dá para manter o foco do que ele realmente pretende comunicar: a história da República que passou e a que está por vir. A estrutura do *Obelisco a Domingos José de Almeida* se dá para mostrar que uma República já havia nascido no Brasil, que foram homens como Domingos de Almeida que trabalharam para que ela acontecesse, e que ainda havia aqueles que acreditavam que ela um dia retornaria; caso fosse mais extravagante, ou chamativo, e usando da imagem de Almeida, o monumento perderia sua substância, se tornando uma homenagem mais pessoalizada do que a memória de uma ideia a ser perpetuada.

Isso não ocorre com o *Monumento a Júlio de Castilhos*. O fato dele ter sido inaugurado quando o Brasil já era uma República pode ter contribuído na sua maior liberdade de expressão e localização mais avantajada, porém não foi por conta disso que sua elaboração foi feita de tal forma. A filosofia Positivista de Comte, o qual o PRR e Júlio de Castilhos seguiam, também abrangia uma espécie de “guia” estético que deveria ser utilizado na ocasião de homenagear um indivíduo com um monumento. Segundo Comte, a representação de figuras exemplares e sua apreciação estética era mais importante que sua representação realista, pois a Arte deveria cultivar nosso desejo pela perfeição (COMTE, 1912, p. 282), ou seja, para os positivistas, a imagem do indivíduo deve ser tão celebrada quanto os seus atos e ideias, pois é um modo de fazer com que o observador procure ser como o homenageado.

Dado que Júlio de Castilhos era um positivista que defendeu e pregou os ideais da doutrina, acabou por fim sendo um homenageado que recebeu um tributo que casou com a filosofia. O artista que realizou o monumento era um positivista que conhecia tal filosofia e a tinha assumido como balizadora de seu ideal estético, expressando no monumento uma narrativa da personalidade positivista de Castilhos, como um governante prudente, corajoso e firme.

O republicanismo expresso no monumento a Castilhos também remontou às origens farroupilhas expressos pelo cavaleiro gaúcho com o chapéu erguido saudando a vitória. Vale lembrar que o brasão das armas do Rio Grande do Sul, posicionado logo abaixo do cavaleiro, tem origem na bandeira farroupilha. Castilhos já havia garantido esse link em 1884, em um de seus artigos jornalísticos, ao afirmar que o Rio Grande do Sul era a Província mais republicana do Brasil devido “a imortal revolução de 1835” (CASTILHOS, 2003. p. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento republicano gaúcho teve diferentes fases e personagens que marcaram esses momentos no século XIX, que acabaram por influenciar aqueles que contribuiriam com as fases seguintes. Essa sucessão de fases políticas não afetou apenas como os ideais republicanos propagados, como também o modo como os que procederam ou lideraram o movimento foram lembrados e homenageados.

Domingos José de Almeida participou do movimento que daria os fundamentos do movimento republicano no Rio Grande do Sul, porém o obelisco em sua homenagem foi erguido ainda durante a monarquia, ao mesmo tempo que esse ato mostra a defasagem do Império naquele momento. Nesse monumento, o importante foi lembrar a influência que ele teve principalmente com o Partido Republicano de Pelotas e com a cidade, ao mesmo tempo que se honrava os cinquenta anos de início da Revolução Farroupilha, movimento o qual ele fez parte. Dar maior visibilidade à sua imagem seria como minimizar o que estava sendo celebrado em favor de uma personalização estética.

Júlio de Castilhos, por outro lado, fez parte de um movimento o qual ele mesmo foi um dos líderes, e aqueles que elaboraram sua homenagem póstuma foram os mesmos que trabalharam com ele. Dado que o momento da elaboração de seu obelisco era pós-Proclamação da República, e que havia do Positivismo em sua história, o monumento celebratório pode ser muito mais elaborado, adornado e localizado em um lugar de destaque, que, ao mesmo tempo marcaria um elemento de importância de sua carreira.

O modo como os dois monumentos foram tão diferentemente planejados apesar de possuírem a mesma forma como base - um obelisco - demonstra como a política gaúcha sofreu mudanças em um período relativamente curto de tempo, ao ponto que resultaram em duas formas de realizarem uma homenagem ao ideal republicano.

REFERÊNCIAS

- AGULHON, Maurice. Mariana, objecto de 'cultura'? In: RIOUX, Jean-Pierre, SIRINELLI, JeanFrançois (orgs.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. MACEDO, Francisco R. *História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CARNEIRO, Paulo (Org.) *Idéias políticas de Júlio de Castilhos*. Brasília: Senado Federal, 1981.
- CARVALHO, José M. de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CARVALHO, José M. O positivismo brasileiro e a importação de idéias. In: LEAL, Elisabete e GRAEBIN, Cleusa (orgs.) *Revisitando o positivismo*. Canoas: Editora La Salle. 1998.
- CASTILHOS, Júlio de. Movimento Republicano. In: FRANCO, Sérgio da Costa. *O Pensamento Político de Júlio de Castilhos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003.
- COMTE, Auguste. Aptitude esthétique du positivisme. Tome I. Discurs préliminaire – 5a. Partie. In: *Système de politique positive*. Paris: Librairie Positiviste, 1912.
- COMTE, Auguste. *Catecismo Positivista*. São Paulo: Abril Cultural. 2. ed. 1983.
- COMTE, Auguste. *Cours de philosophie positive*. 5. ed. Paris: Librairie Positiviste, 1892-1894. Tome VI.
- COSTA, Emília Viotti da. Introdução ao Estudo da Emancipação Política do Brasil. In: MOTTA, Carlos Guilherme (org). *Brasil em Perspectiva*. São Paulo: Difel, 1985. p. 64-125.
- DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. *Porto Alegre, 1900-1920: estatuária e ideologia*. Porto Alegre: secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Guia Histórico de Porto Alegre*. Editora UFRGS, Quarta Edição 2006.
- GIORDANI, Laura. O Obelisco de Pelotas e Sua Análise Iconográfica. Cadernos de Clio, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 97- 117, 2015.
- HUNT, Lynn. Formas Simbólicas na Prática Política. In: *Política, Cultura e Classe na Revolução Francesa*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007. Cap. 2
- KNAUSS, Paulo (coord.) *Sorriso da cidade: imagens urbanas e história política de Niterói*. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2003.

- LEAL, E. C. *Filósofos em Tintas e Bronze: arte, positivismo e política na obra de Décio Villares e Eduardo de Sá*. 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MACEDO, Francisco R. *História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.
- MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas*. Pelotas: Editora UFPel; Livraria Mundial, 1993.
- MOTTA, Carlos Guilherme (org). *Brasil em Perspectiva*. São Paulo: Difel, 1985. p. 64- 125.
- NEVES, Ilka. *Domingos José de Almeida e sua descendência*. Porto Alegre: Edigal - Editora e Distribuidora Gaúcha Ltda, 1987.
- OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas, volume 1*. Pelotas, RS: Editora armazém literário, 1997.
- PACHECO, Ricardo de Aguiar. Conservadorismo na tradição Liberal: Movimento Republicano (1870-1889). In: BOEIRA, Nelson (coord.); GOLIN, Tau (coord.). *História Geral do Rio Grande do Sul*, vol. 2. Passo Fundo: Livraria e Editora Méritos Ltda, 2006.
- PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. *Vida política no século 19: da descolonização ao movimento republicano*. Porto Alegre: Editora Da Universidade/UFRGS, 1991.
- RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos*. Lisboa: Edições 70, 2013.
- SOARES, Mozart P. *Júlio de Castilhos*. Porto Alegre: IEL, 1991.
- VILLARES, Décio; GONÇALVES, Carlos Torres. *O Monumento a Júlio de Castilhos*. Porto Alegre: Edição do Governo do Estado, 1922. (1. ed. 1913).